

# PAULISTÃO



**ALL STAR**  
**ALL STAR**

Em nylon "double-soft",  
super arejado, super leve e super flexível.



**MONTREAL**  
sucesso mundial, agora no Brasil.

# PAULISTÃO

nº 1 - ano 1977

Publicação do São Paulo Futebol Clube

certificado de autorização nº 01/315-A

Secretaria da Receita Federal

processo do Ministério da Fazenda nº 0168.05.101/76

Diretor Responsável

Sérgio Carvalho

Produção Gráfica

Editora Imparcial

Rua Senador Feijó - 161 - 2º e 6º andar - SP

fores: 37-2669 36-4909 37-3728

Redação

Praça Roberto Gomes Pedrosa - 8 - Morumbi - SP

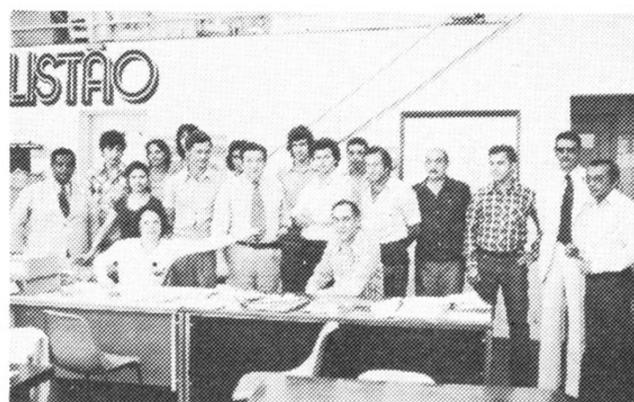
## NESTE NÚMERO



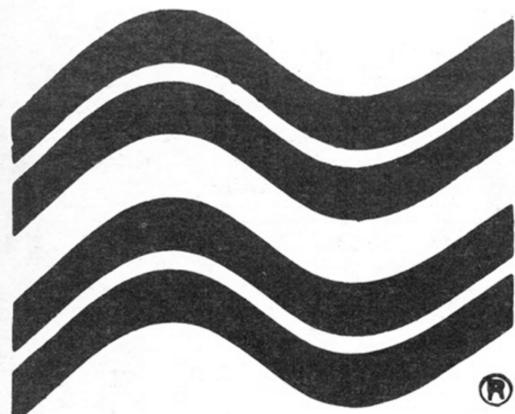
Henri Aidar, presidente do São Paulo, está em fim de mandato. Nesta edição ele fala sobre sua administração, seus planos e sobre sua pretensão de deixar a presidência no começo do ano que vem. A sua entrevista na página três.



Pedro Rocha é sem dúvida, um dos maiores ídolos que o São Paulo já teve. Atualmente no entanto, muita gente o julga em final de carreira, não o quer como titular do tricolor. Ele retruca e diz que ainda pode jogar - página dez



Um grupo que possui um entrosamento perfeito, faz do Paulistão o carnê que mais arrecada em São Paulo. Prova disso, são os milhares de carnês vendidos mensalmente, e que distribuem dezenas de prêmios. Leia nas páginas 9, 14, 15 e 16.



# PENALTY



# SOK

## PRESENÇA

## BRASILEIRA EM

## TODOS OS ESPORTES

Ademir da Guia firmou-se no futebol paulista há mais de dez anos. Hoje, em final de carreira, ainda tem um sonho que pretende realizar: jogar nos Estados Unidos. Seus planos e detalhes de sua vida atual você terá na página doze.



José Carlos Pace conseguiu em pouco tempo, equilibrar sua fama com a de Emerson Fittipaldi, o maior piloto que o Brasil já criou em todos os tempos. O destino no entanto, tirou-o do mundo dos vivos muito cedo. Seu drama na pág. 18.



José Carlos Bauer foi chamado um dia, de o gigante do Maracanã. Poucos jogadores conseguiram como ele, dominar os segredos de uma posição difícil e espinhosa como a do quarto zagueiro. Hoje ele é um técnico de bom nível. Pág. 17

# O carnê da verdade



Quando há alguns anos atrás, a diretoria do São Paulo Futebol Clube, resolveu colocar na praça um carnê, de cuja renda, pretendia extrair subsídios para a construção de uma das maiores praças esportivas do mundo, muita gente não acreditou no seu sucesso. Afinal, quem era o São Paulo, que nem mesmo contava com o apoio de uma grande torcida, para lançar um plano revolucionário como este, e pretender que ele atingisse seu objetivo? No mínimo, seria mais um dos muitos carnês lançados por outras Entidades, que acabaram criando problemas para seus lançadores, e especialmente para seus compradores, que nem sempre receberam os prêmios que lhes foram prometidos. Mas a fé sempre foi um dos pontos básicos da filosofia de vida do torcedor do São Paulo, e de toda a sua diretoria. E foi assim que o Paulistão surgiu, saindo às ruas da capital, estendendo-se por todo o interior, e alastrando-se até os outros Estados, tamanha sua procura, e o interesse do público em comprá-lo.

Era o primeiro carnê lançado por um clube de futebol, e o primeiro com sucesso total. E a arrecadação foi tão grande, que em pouco tempo, o sonho são-paulino se transformou em realidade. Lá no elegante bairro do Morumbi, num vale anteriormente desabitado e banhado por um pequeno ribeirão, cresceu o monumental estádio tricolor, que hoje é um orgulho desta metrópole, que concentra uma das maiores populações do mundo.

Paralelamente cresceu também a sede social, as piscinas, o ginásio, as quadras de tênis, o restaurante, e enfim, tudo aquilo que fora prometido pela diretoria

do São Paulo no lançamento do Carnê. E na sede central do Paulistão, era feita a entrega em série dos prêmios anunciados, justificando a fama do carnê "que sempre entregou o que prometeu".

Diante do sucesso alcançado pelo Paulistão, outros clubes resolveram lançar os seus carnês, aproveitando a euforia criada pelo do São Paulo. Acreditava-se na época, que este era um filão de ouro inesgotável, que no entanto, acabou se transformando num pesadelo para a maioria dos dirigentes paulistas.

Foi quando veio a ordem: os carnês estão proibidos. E todos eles desapareceram da praça. Os anos se passaram, e, motivados pelo enorme sucesso anterior, o São Paulo resolveu reacionar o Paulistão. E no último mês de abril, ele surgiu com toda sua força, sendo recebido com grande entusiasmo pelo público paulista, que, baseado na experiência anterior, aprendeu a acreditar nos lançamentos do clube das três cores.

E aí está ele, entregando seus prêmios, quebrando recordes, mesmo sofrendo a forte concorrência de outros carnês do mesmo tipo, que já haviam sido lançados, ou que foram lançados logo depois do seu novo surgimento. Mas, como da vez anterior, o Paulistão superou os concorrentes, como provam as fotos estampadas nas páginas internas, onde alegres felizardos recebem seus carros, autoramas, máquinas de lavar, etc. E junto com eles, em cada página desta revista, um pouco da vida do São Paulo, contada por seus ídolos, seus dirigentes, seus torcedores. Leia tudo sem pressa. E no final chegará a agradável conclusão, de que valeu à pena ter aderido ao Paulistão. Ele é mesmo, o carnê da verdade. Sem modéstia.

## O NOSSO PRESIDENTE

# Henri: já atingimos a nossa maioridade

“Resolvemos relançar o Paulistão para arrecadar fundos que serão utilizados na ampliação de nosso patrimônio. Atacaremos as obras do Parque Balneário, o salão de festas, as quadras de tennis, e outros melhoramentos que pretendemos implantar no Morumbi, para maiores opções de lazer ao nosso associado.”

Estas as primeiras explicações dadas pelo dr. Henri Aidar, presidente do São Paulo, que vem revolucionando o setor administrativo do clube, atacando de uma vez só o setor patrimonial e o de futebol, que passou a contar nos últimos meses, com mais seis astros de primeira grandeza, que aliados aos que lá existiam, comporão a partir de agora, um dos mais fortes esquadrões do futebol paulista e brasileiro.

“O São Paulo, além de seu parque social, resolveu reforçar seu elenco de futebol, pois acima de tudo, o nosso clube existe em função do próprio futebol. Desta forma, não poderíamos deixar o nosso time sem os reforços necessários, para equipará-lo às melhores equipes do país, pois precisávamos dar uma satisfação à nossa torcida que já reclamava a conquista de um título, que acredito ganharemos ainda este, ano, nesta Copa Brasil”.

Para Henri Aidar, o São Paulo nunca esteve numa situação tão boa financeiramente como agora. A surpreendente aceitação do carnê Paulistão, a mudança dos estatutos que permitiram a diretoria utilizar o dinheiro arrecadado com o aluguel do estádio em novas contratações para seu time de futebol (antigamente isto era impossível devido a uma cláusula estatutária que impedia esta utilização) e o próprio apoio da torcida, que nos primeiros jogos da Copa levou o São Paulo a três recordes de renda em estádios diferentes, estão colocando o clube numa posição invejável, que poderá transformá-lo na grande potencia futebolística brasileira nos próximos meses, especialmente se os novos contratados vingarem, e se o competente Rubens Minelli, conseguir tirar o máximo de cada um, dentro de suas características de origem.

“Acredito que agora nós estamos com tudo. Contratamos os jogadores indicados pelo técnico. Ele por sua vez tem competência, como já provou durante o Paulistão recém terminado, quando, com um time envelhecido e cheio de falhas, chegou a disputar a final do campeonato, e por pouco não se classificou para a finalíssima. E juntando tudo isso à presença cada vez maior de nossa torcida, que entendeu nosso esforço, e resolveu nos prestigiar, acho que o São Paulo é uma das forças deste campeonato nacional, e tem muitas possibilidades de terminá-lo com o título nas mãos”.

## Críticas Imerecidas

Durante as disputas do Campeonato Paulista, Henri Aidar foi muito criticado. Aliás estas críticas eram a seqüência de outras, já feitas com veemência no ano passado, quando



*Henri: Paulistão superou nossas expectativas*

o time não andou bem das pernas, e realizou campanha fraca tanto no Campeonato regional, como no Brasileirão.

Os críticos de Henri alegavam, que ele havia se acomodado, e que além de esquecer-se totalmente do setor patrimonial do clube, também não se preocupava com a situação vexatória do time de futebol, que estava se esvaziando aos poucos, e que era uma triste imagem daquela equipe, que nos primeiros anos desta década, havia conquistado três títulos paulistas.

“O que este pessoal não entendia, é que, o mercado interno brasileiro estava ruim, pois ninguém queria vender seus principais astros, e qualquer jogadorzinho, que mal havia se revelado, já custava fortunas para aqueles que se dispunham a contratá-los. Além disso, a cláusula de nosso estatuto, que impedia utilizar o dinheiro dos aluguéis do Morumbi no

futebol do clube, prejudicava sensivelmente nossos planos, pois a nossa maior fonte de rendas, era justamente esta. Foi necessário uma conversa com nosso Conselho e com nossos diretores, e uma série de reuniões para que este item dos estatutos fosse modificado. Com a alteração, e com o sucesso do relançamento do Paulistão, pudemos nos colocar em campo para contratar, seguindo um plano previamente traçado, e que só surtiu efeito neste final de ano.”

“Primeiro nós fizemos os contatos com os clubes que possuíam os jogadores que nos interessavam. Depois com os próprios jogadores. Fizemos as propostas, recebemos contra-propostas, e neste diálogo, o tempo foi correndo. A intenção inicial era trazer estes reforços para a disputa do Paulistão, mas eles só puderam vir, por uma série de problemas que surgiram, para a disputa da Copa Brasil.

## O NOSSO PRESIDENTE

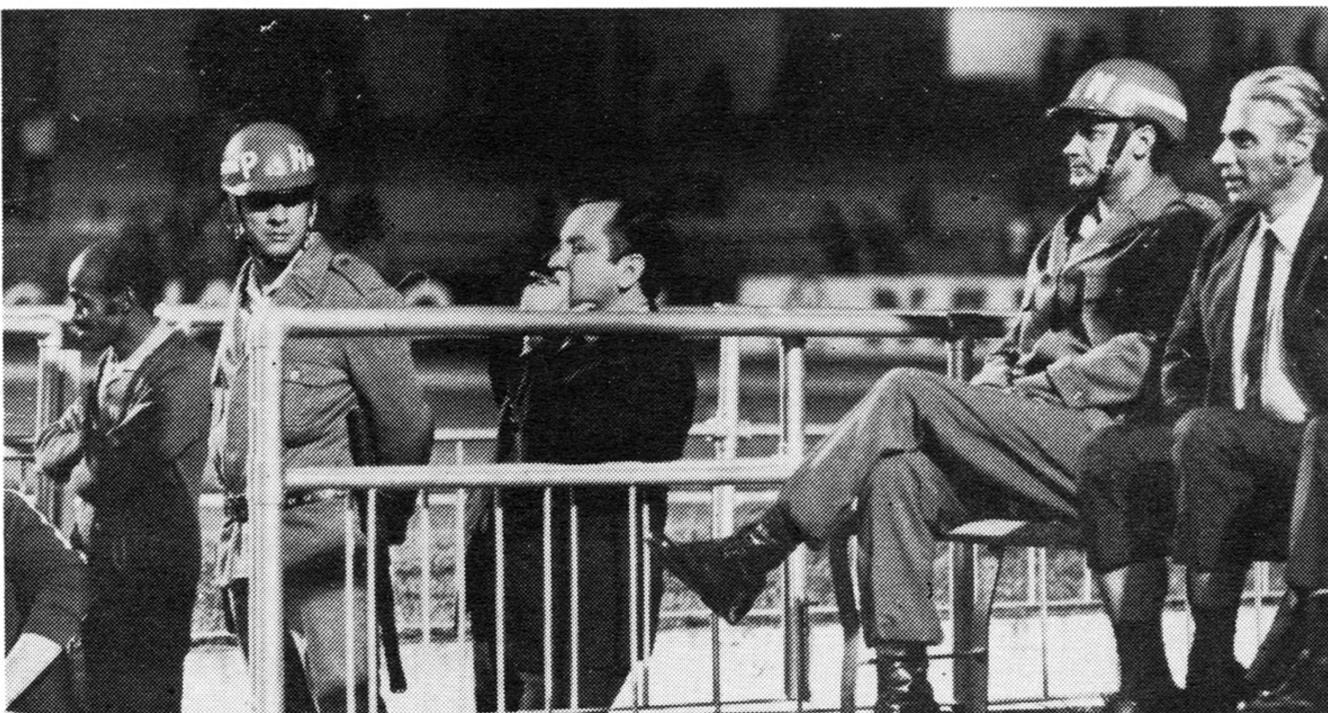
Muita gente não sabe, mas grande parte dos jogadores que chegaram recentemente, já estavam apalavrados com o São Paulo desde os primeiros meses do ano. Acontece que na época, seus clubes estavam disputando os campeonatos regionais, e não poderiam mesmo soltar seus jogadores. E tivemos o famoso caso do jogador Dario Pereira, um craque primeiro quilate, que esteve para nos escapar, devido a revolução que aconteceu no futebol uruguaio, depois que a seleção daquele país foi desclassificada da Copa. Foram necessários muitos contatos, muitas viagens e telefonemas, para trazê-lo. Fui glosado, ironizado, mas agüentei firme porque sabia do valor deste atleta, que será sem sombra de dúvida, uma das maiores estrelas do futebol mundial a partir do ano que vem, quando já deverá estar rendendo tudo em nosso time de futebol”.

“Sobre o setor patrimonial, não houve esquecimento de nossa parte. Ele vem crescendo gradativamente, e quem quiser, poderá ir conferir lá no Morumbi.”

### Uma doação importante

O associado do São Paulo, e o próprio time de futebol, vão ganhar muito com uma nova doação que o clube irá receber. Trata-se de uma área de 350 mil metros quadrados, onde será construída uma sede de campo, quatro campos para treinamentos, uma concentração, etc. Esta área fica à dez quilômetros de Jundiaí, bem próximo à confluência entre as rodovias Anhangüera e via Norte (que estará concluída no ano que vem).

Assim que a documentação desta doação ficar pronta, as obras serão iniciadas, e o atual drama que o São Paulo vive com seu time de futebol, que não tem local para treinar, pois o gramado do Morumbi está sendo reformado, não existirá mais.



“Este é um plano à longo prazo, mas que pretendemos realizar, como tantos outros já concluídos. É a prova de que não estamos parados, e que continuamos a lutar para dar ao São Paulo cada vez maiores condições de se firmar como um dos clubes mais fortes do país, tanto no setor do futebol como no patrimonial”.

Aliás, bem antes do funcionamento da sede de campo, o São Paulo terá no próprio Morumbi, várias opções de lazer. No estádio, em suas áreas vagas, serão instalados restaurantes, boites, cinema e quem sabe até teatro, para, que, nos dias em que não houver jogos, ou mesmo nas noites frias ou quentes desta gigantesca metrópole, o torcedor ou o paulistano comum, possa passar momentos agradáveis na companhia de amigos ou familiares.

“O plano está pronto e logo o Morumbi será explorado em todo o seu potencial. Será, guardadas as proporções, como o Inter fez

no Beira-Rio. Além disso, daremos maior força ao setor de publicidade do estádio, que deverá render um bom dinheiro ao clube mensalmente. Será mais uma fonte de renda para o São Paulo, que assim terá infra-estrutura financeira para crescer cada vez mais.”

Diante de tantas opções, o Morumbi terá movimento intenso durante todos os dias da semana, e não só nos dias de jogos. Isso talvez exija novas áreas de estacionamento, uma velha briga do São Paulo desde que construiu seu estádio.

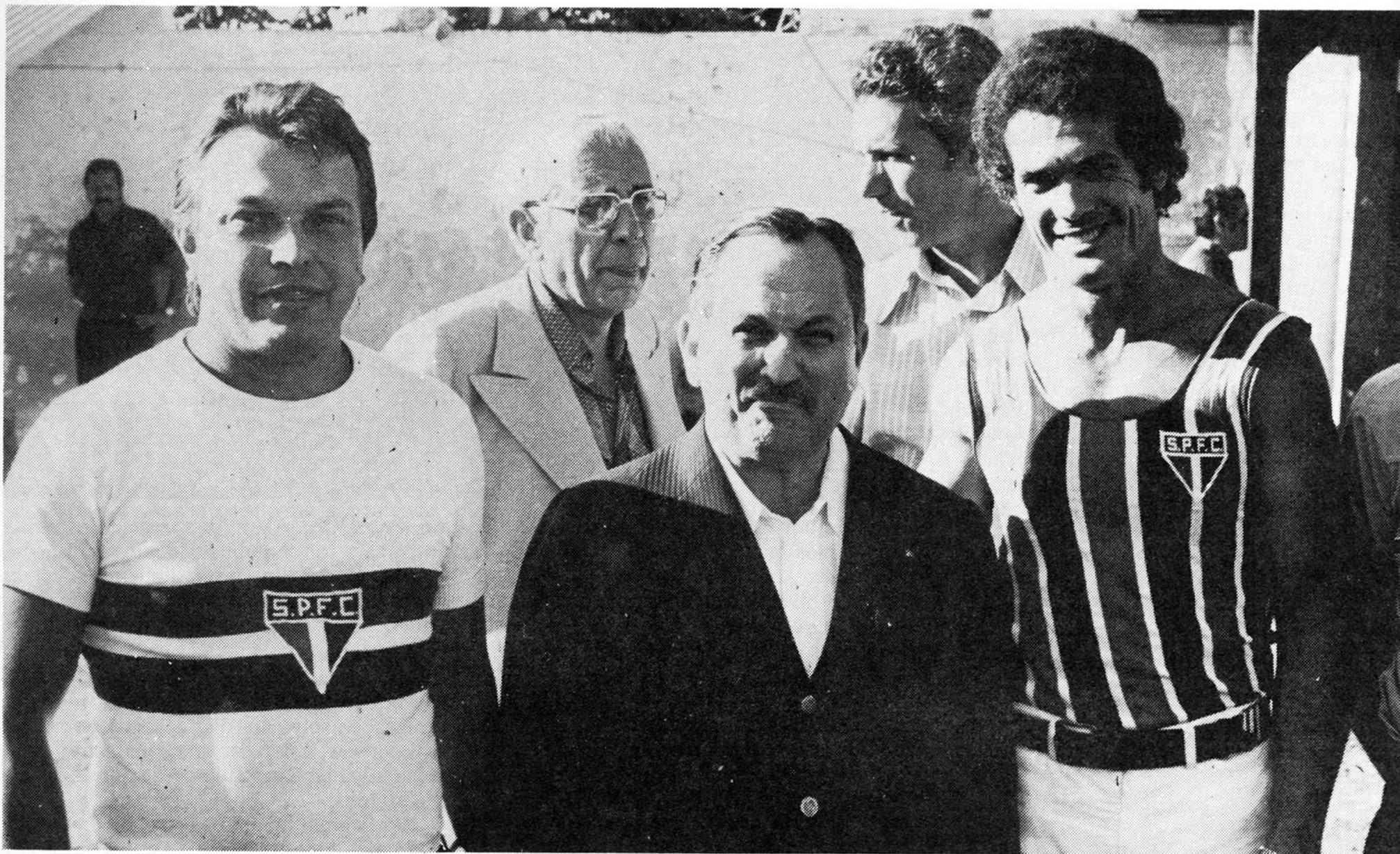
“Já fizemos inúmeros pedidos à Prefeitura, mas até hoje, nenhuma providência foi tomada. Muita gente nos pergunta porque não tomamos uma atitude quando estávamos no Governo? E eu repondo: acontece que seria anti-ético usar do poder em benefício próprio. Por isso preferimos que outros tomassem esta providência, pois afinal o Morumbi hoje, não é mais propriedade apenas do São Paulo.

★ lenços  
**Cacique**®

GARANTIA DE QUALIDADE

C. RAYES, CIA. LTDA-R. BOM PASTOR 2826/34 SÃO PAULO-FONE, 2745411

# O NOSSO PRESIDENTE



*Henri Aidar foi na história do São Paulo, um dos presidentes que mais se comunicou com a torcida. Sempre procurou ouvi-la, e na medida do possível, a atendeu em suas reivindicações. Na foto acima ele posa ao lado de dois chefes de torcida do São Paulo.*

É uma praça de esportes importantes para a própria cidade, que não pode promover grandes espetáculos futebolísticos, sem ela. Desta forma, nada mais justo do que as nossas autoridades tomarem as providências, para que, ao vir ao Morumbi, o público tenha o máximo em comodidade fora do estádio. Dentro, nós a garantimos.

### Vai parar mesmo

Henri Aidar foi o vice-presidente do São Paulo de 70 a 72. Antes disso, sempre vibrou com o clube, de quem é fanático torcedor desde que passou a entender um pouco de futebol.

De 72 até hoje, é o presidente, e tem realizado muita coisa pelo seu clube de coração. Inclusive, foi durante sua gestão, que a torcida pode comemorar alguns títulos paulistas, quebrando um tabu de vários anos, pois houve época em que todas as forças da diretoria estavam dirigidas na construção do estádio.

“Acho que fiz tudo o que um presidente poderia fazer por seu clube. Aumentei o patrimônio, ajudei na conquista de títulos, e montei um time que dará enormes alegrias à nossa torcida durante pelo menos oito ou dez anos, pois os garotos que aí estão, tem em média 20 e 22 anos. Acredito que minha missão está cumprida, e já estou começando a me preparar para deixar o cargo”.

Quando o dr. Henri começa a falar assim, sempre alguém interrompe, e acrescenta:

“Ele vai deixar o São Paulo, mas irá para

a Federação, e quem sabe até para a CBD?”

Mas o presidente do São Paulo não pensa assim. Ele pretende realmente parar de uma vez por todas, voltando à sua condição de simples torcedor.

“Vou, como diz o jogador de futebol em fim de carreira, pendurar minhas chuteiras. Não tenho qualquer intenção de assumir cargos na Federação, que por sinal, vem sendo muito bem dirigida pelo meu amigo Alfredo Metidieri, ou na CBD. Tenho minhas idéias para melhorar o futebol, e poderia colocá-las em prática, caso viesse a assumir um cargo numa Entidade como estas. Mas não estou disposto a isto. Acho que os homens que aí estão, tem capacidade para reorganizar as estruturas do nosso futebol, e de recolocá-lo no lugar que merece. O próprio Heleno Nunes, que vem sendo criticado pela fórmula de disputa do Nacional, já me disse, que este campeonato será dividido em regiões, o que a meu ver, será o ideal.”

“Também falam sobre os excessos de taxas tiradas das arrecadações. Elas realmente prejudicam os clubes. Mas também sei que existe gente boa trabalhando para mudar tudo isso, beneficiando com novas leis, estes mesmos clubes que atualmente vêm sendo tão prejudicados. Portanto não vejo necessidade de continuar. Em abril eu entregarei meu cargo, certo de ter cumprido meu dever. E voltarei para a arquibancada, onde continuarei a vibrar com o meu São Paulo. Disto sim, eu jamais abdicarei pelo resto de minha vida”.



COPA 78

# A Argentina se prepara



Francisco Bengolea

Francisco Bengolea, é o chefe de Imprensa do Mundial 78. Em sua poltrona, numa linda sala acarpetada, ele atendeu alguns jornalistas brasileiros que foram entrevistá-lo sobre a Copa. E mostrou seu otimismo com relação ao atendimento aos profissionais de imprensa de todo mundo, mesmo sabendo que o afluxo de repórteres e críticos esportivos será volumoso, e um recorde, em competições deste nível realizadas na Argentina:

“Os profissionais de imprensa estrangeiros ou argentinos, terão enormes facilidades para realizarem suas tarefas durante o Mundial, porque contarão nos estádios com comodas cabines, onde haverá telefone para chamadas diretas locais, nacionais e internacionais, telex em quantidade, máquinas de telefotos, quartos de revelação, laboratórios fotográficos, máquinas de escrever com teclados em vários idiomas, etc.

Para facilitar ainda mais o trabalho dos jornalistas, estão sendo construídos os centros de imprensa, onde os repórteres terão todos os recursos para atenderem os seus interesses.

“Procuramos não esquecer nada. Até cigarros, refrigerantes, refeições, salas de leitura, etc, serão encontrados em cada um destes edifícios dedicados à imprensa. Queremos que a imprensa mundial se sinta como se estivesse em casa”

## As Credenciais

O movimento de pedidos de credenciais junto ao Centro de Imprensa da Copa tem sido dos mais intensos:

“Basta dizer que nada menos do que 6.600 pedidos foram feitos através dos formulários de pré-credenciamento. Será um recorde na história de todos os mundiais. Mas nós estaremos capacitados a atender a todos”.

Enquanto isso, o Centro de Imprensa do Mundial vai trabalhando paralelamente, para informar o mundo todo sobre o que já vem sendo feito com relação aos preparativos da Argentina para promover o Mundial. Boletins mensais são divulgados e enviados as mais variadas partes do mundo. E foi criada inclusive uma revista, a Argentina 78, que mostra entre outras coisas, as riquezas turísticas daquele país.

“Mesmo porque o Mundial não deixa de ser uma grande promoção turística. Por isso, idealizamos a revista, que irá informar aqueles que nos visitarem, de tudo o que existe de maravilhosos, para se ver em nosso país. Acho que tudo foi organizado com cautela e com inteligência, e dificilmente haverá falhas de realce. E se elas existirem, tenham certeza, não será por culpa nossa. Pois procuramos prever tudo e trabalhamos com vontade, para dar conta de nossa missão, que ninguém pode negar, é uma das mais espinhosas na organização de uma promoção do quilate de uma Copa do Mundo.”

*Um dos problemas sérios que os profissionais de imprensa e os turistas encontrarão na Argentina em 78, será o custo de vida altíssimo que já existe por lá. Só para que se tenha uma idéia: o cafezinho à beira do balcão, custa nada menos do que seis cruzeiros. Até a Copa, que será em junho do ano que vem, poderá estar custando oito. Diante disso, o melhor é se precaver. Quem não tiver dinheiro de sobra para ir, fique. É melhor ver tudo direto pela TV do que passar mal lá fora.*

## A bola do mundial



O Clube Atlético Defensores de Glew, na rodovia 210, quilômetro 33, em Almirante Brown na Argentina, exhibe orgulhosamente uma monumental bola de três metros de diâmetro confeccionada em plástico. É mais uma criação dos setores de publicidade do Mundial 78, que vem sendo atração turística na região da paróquia de Santa Ana. O grande sonho de alguns torcedores é poder levar esta bola ao campo do River, onde serão disputados jogos do Mundial, no dia do primeiro jogo que lá for realizado na abertura da Copa. O problema é que, os donos desta bola, não estão dispostos a cedê-la pois é uma atração do seu clube, o Defensores de Glew.

### Qualidade e diversidade em acessórios de metal.

**ULTIMA NOVIDADE**  
BOTÃO GANCHO PATENTEADO

18 m/n FAB 258  
12 m/n FAB 293

**CANTONEIRAS**  
4012

ESQUERDA 4022    DIREITA 4021

**BOTÃO PEROLA**  
FC 119

**FIVELA P/ COLETE**  
FAB 294

**CHAVEIROS DES-TAK**  
MARCA REGISTRADA

ARGOLAS P/ CARRO, ESCRITÓRIO, RESIDÊNCIA, ETC.

**BRINDES PROMOCIONAIS**  
DIVERSAS CORES E DESENHOS

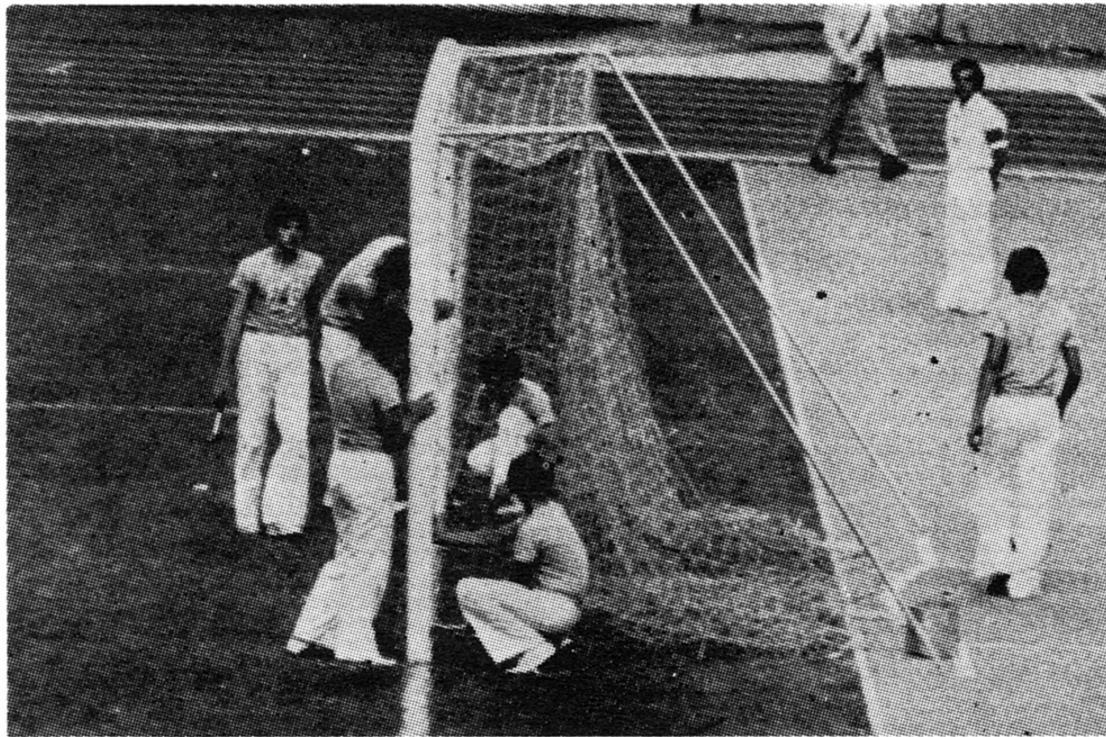
**OLISONI**  
IND. E COMÉRCIO LTDA.

FÁBRICA 1 EVENDAS:  
Rua Morato Coelho, 790 - Tel. 210-5680

FÁBRICA 2:  
Santana do Parnaíba - Est. de São Paulo

**REPRESENTANTES:**  
MARCOS DE OLIVEIRA XARA - Fone: 288-9399  
Av. 28 de Setembro, 258 - Loja 15 - Rio de Janeiro, RJ  
JOSÉ AGOSTINHO DE NOGUEIRA - Fone: 22-4749  
Rua Evangelista de Lima, 1190 - Franca - São Paulo  
ALCIONE GRIMALDI DOS SANTOS - Fone: 31-3579 - Rua Matias José Bins, 1337 - Chácara das Pedras - Porto Alegre, RS  
EGON ERN - Fone: 22-1579  
Rua 15 de Novembro, 550 - Sala 205 - Blumenau, SC  
JOSE EDMILSON DA SILVA - Fone: 24-6333  
Rua da Carioca, 72 - Sala 615 - Recife, PE  
JOAQUIM ALBERTO DA SILVA - Fone: 23-8230  
Rua Amante Barroso, 180 - Apto. 42 - Curitiba, PR  
FERNANDO DIAS DOS SANTOS - Fone: 222-9886  
Rua Adem Paraiiba, 449 - Belo Horizonte, MG

# A identificação



Nos jogos de Montreal a identificação das pessoas conforme sua função foi muito fácil. A cada tarefa correspondia um uniforme de desenho e cor distintos. Na foto, universitários canadenses com camisas e calças iguais, colocam a rede antes de começar o jogo entre França 1 vs. Israel 1. Em 78, na Argentina, nos aeroportos, Centros e Salas de Imprensa, estádios e hotéis, o pessoal ligado a recepção e a qualquer serviço referente a Copa, também contará com uma indumentária especialmente preparada, em cores diferentes, conforme suas funções.

## O Correio trabalha



A Empresa Nacional de Correios e Telégrafos da Argentina, realizou uma exaustiva planificação relacionada com o Campeonato Mundial de Futebol do ano que vem. Foram instaladas agências postais nos seis estádios onde se disputarão o certame; nos cinco Centros de Imprensa das cidades subsedes; nos aeroportos que serão utilizados para as operações aéreas do Mundial; nos Hotéis bloqueados para a imprensa internacional e autoridades que comparecerão ao campeonato; no Centro de Produção Argentina de Televisão SA, etc.

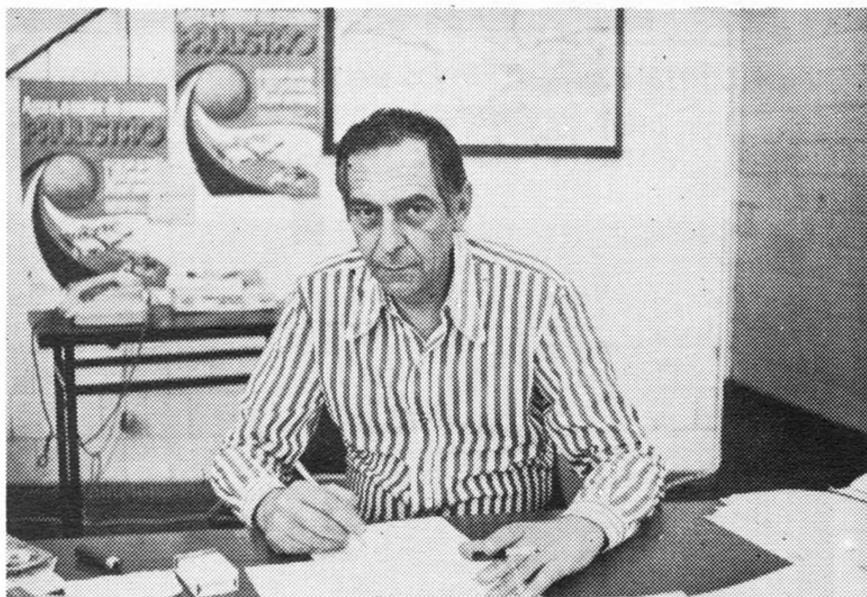
Para os amantes da filatelia estão sendo impressos milhares de selos que logo serão colocados à venda.

Em Cordoba, Mendonza, Rosario e Mar del Plata, e nas lojas e galerias principais do centro de Buenos Aires, funcionarão agências postais móveis e fixas. No Correio Central e no Centro de Imprensa na cidade de Buenos Aires (Centro Cultural General San Martin) serão criadas receptoras de encomendas destinadas ao exterior; o mesmo acontecendo com relação as encomendas para o interior.

O pessoal para trabalhar nestes setores estão sendo selecionados. Um dos requisitos fundamentais é o conhecimento dos idiomas. Terão uniformes especiais para uma adequada identificação.

# O NOSSO CANTINHO

## Uma equipe prá ninguém botar defeito



*Norberto: pulso firme no comando*



*A equipe que faz do Paulistão um sucesso*

Um surpreendente entrosamento de equipe, e um entendimento perfeito em todos os sentidos, deram a este grupo que é comandado por Helio Sette, o homem-chave do **Paulistão**, condições extraordinárias de capacidade de produção, como poucas o tem conseguido desde que o Ministério da Fazenda permitiu o lançamento de carnês no Brasil.

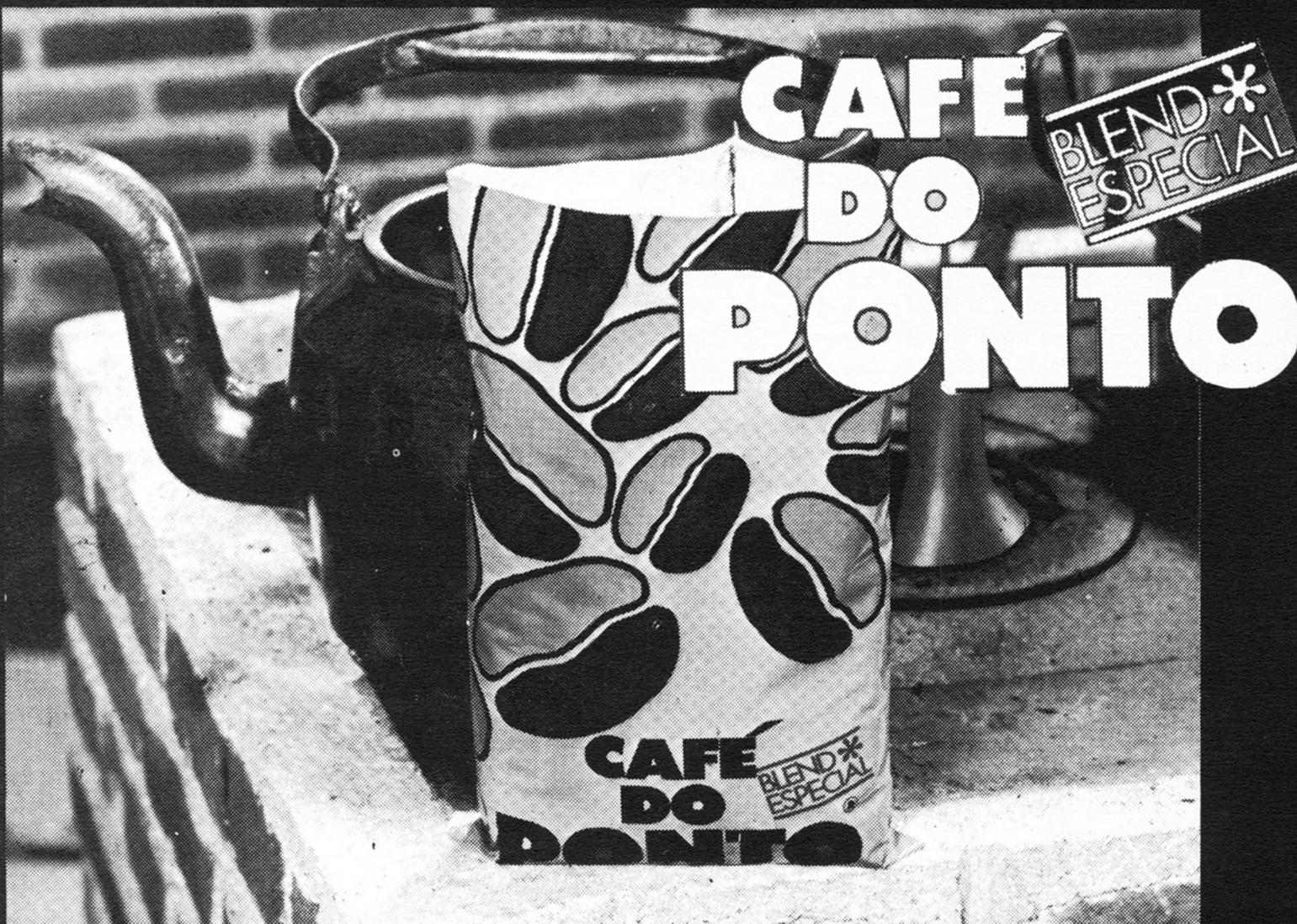
Com o sub-comando do Norberto, que tem diálogo franco e sabe se impor, este grupo de trabalho montado pelo **Paulistão**, é a

razão direta de sua presença na liderança de venda dos carnês de clubes de todo o país.

Esta equipe por sinal, conta com alguns elementos que já trabalharam no **Paulistão** anterior. E talvez seja este o segredo do seu sucesso. Cada um ali sabe exatamente o que deve fazer, e mesmo na ausência do comando, trabalham com consciência e honestidade, o que dá ao **Paulistão** um sentido familiar todo especial, que motiva cada um à dar o

máximo.

Em nossos próximos números, focalizaremos um por um dos integrantes desta equipe, mostrando com detalhes, a importância de suas funções, e também particularidades de sua vida para que o nosso leitor saiba exatamente, com quem está trabalhando, quando adquire um ou mais carnês **Paulistão**. Nas fotos ao lado, alguns dos personagens que farão a história deste cantinho, a partir de nossa próxima edição.



**O CAFÉ DO PONTO TRAZ DE VOLTA O GOSTINHO DO CAFÉ DA FAZENDA**

## O NOSSO ÍDOLO

## ROCHA PREPARA A

Aos trinta e quatro anos de idade, quase vinte dedicados ao futebol, ele vive a pior fase de sua carreira. Notícias tendenciosas circulam entre ele e o técnico Rubens Minelli, que segundo dizem...

A verdade no entanto é bem outra. Ele sentiu no final do campeonato paulista os efeitos da estafa e de uma contusão grave na virilha, que o impedia de produzir todo seu maravilhoso futebol com a camisa dez tricolor. Preocupado, Rocha procurou o técnico e pediu:

"Gostaria de ficar fora do time do São Paulo até me recuperar totalmente. Assim não me prejudico e não prejudico meus companheiros".

Minelli concordou. Afinal de nada adiantaria forçar Rocha a continuar no time, sem as suas melhores condições físicas. E Rocha iniciou uma série de tratamentos, que gradativamente foram curando sua contusão, até o dia em que sentiu, que poderia fazer qualquer movimento mais brusco, sem que aquela dorzinha profunda e incômoda, o impedisse.

A partir daí, Rocha começou a preparar sua volta. Numa manhã fria e sem sol, apareceu no Morumbi disposto a treinar. Passou pelo médico, pelo preparador físico, vestiu o calção, a camisa, as meias e calçou as chuteiras. Respirou fundo e foi para o gramado.

Ao sair na boca do túnel viu o estádio vazio, o gramado revolvido pelos operários que procuram recuperá-lo, e não encontrou nenhum de seus companheiros. Eles haviam ido treinar em outro local.

Mesmo assim Rocha entrou, procurou a pista de atletismo, e iniciou uma cadenciada corrida, a primeira depois da contusão que o havia afastado por quase dois meses dos treinos e jogos do São Paulo.

Para sua alegria, a contusão havia desaparecido de uma vez por todas. E durante o giro pela pista do Morumbi, passou a relembrar os bons momentos de sua carreira, quando começou a dar os primeiros chutes nos campos de várzea do Uruguai, o seu ingresso no profissionalismo, sua ascensão rápida até a seleção uruguaia, as disputas de duas Copas Mundiais, e seu ingresso no São Paulo no começo desta década.

"Foi uma de minhas grandes alegrias. Já conhecia o São Paulo pela sua tradição, pelo seu passado. E sabia que vindo para cá, me realizaria profissionalmente. Acertei tudo, mudei, e hoje reconheço que fiz um alto negócio".

## UM INÍCIO DIFÍCIL

Mas nem tudo foram flores na carreira de Rocha. Ele chegou ao Morumbi e encontrou um astro na sua posição: Gerson. E o famoso **Canhotinho** não tinha qualquer interesse em promovê-lo, pois sabia das qualidades de Rocha. Se o apoiasse, poderia inclusive ser ofuscado por ele.

"Joguei fora de minha posição, não me adaptei de início, e cheguei a ser criticado pela crônica. Aos poucos no entanto, fui evoluindo, e mesmo com Gerson a meu lado, voltei a ser o jogador que era titular da seleção uruguaia."

A saída de Gerson que transferiu-se para o Fluminense do Rio, acabou abrindo caminho para que Rocha apresentasse todo o seu futebol de craque. Como meia esquerda, armando o jogo, colaborando com os zagueiros, ou transformando-se em ponta-de-lança, ele passou a ser o cérebro do time que levantou o título em 75, quando foi considerado o melhor jogador do campeonato.

"Foi uma fase realmente de ouro. Tudo dava certo para mim. Só tenho a



lamentar, um ano antes, o vexame que passamos na Alemanha, jogando contra a Holanda. Afinal, a Celeste nunca havia passado por aquilo. Mas temos de reconhecer. A Holanda formou naquele ano, uma autêntica máquina de jogar bola, que inclusive merecia ter chegado ao título mundial".

Em setenta e seis, as coisas não foram tão agradáveis para Rocha. O São Paulo cansou, alguns jogadores chaves envelheceram ou perderam o ânimo, e o time caiu vertiginosamente, nada conseguindo de positivo nos campeonatos, que disputou.

"São períodos por que todas as equipes passam na sua vida. O São Paulo não estava realmente num bom ano, e as coisas deram todas erradas para o nosso lado. Mas como bom uruguaio, e como um apaixonado pelo São Paulo, sempre acreditei na virada. E ela acabou vindo neste ano de 77, quando fizemos boa campanha no Paulistão, e entramos para valer no Campeonato Brasileiro, ora em disputa".

## É HORA DE VOLTAR

Quando Minelli chegou ao São Paulo no começo do ano, conversou com Rocha, e disse de suas pretensões em aproveitá-lo mais a frente, como um verdadeiro ponta-de-lança, mesmo porque, o titular da posição, o jovem Murici, estava em convalescença de uma operação no joelho, e o São Paulo não tinha outro jogador com capacidade para executar aquela função, com perfeição.

Rocha aceitou. E passou a jogar naquela faixa de terreno, tendo no complemento do tripé, velhos companheiros de luta: Chicão e Teodoro.



Coca-Cola  
MARCA REG.  
ao seu

# VOLTA POR CIMA

*... futebol, Pedro Virgílio Rocha atravessa no momento, talvez tenham a destacar um provável desentendimento com ele, não o quer mais no time titular do São Paulo.*

Este trio, levou o São Paulo a disputa do título do primeiro turno com o Botafogo de Ribeirão Preto. Uma final que levou muita gente ao Morumbi, e que o São Paulo esteve perto de vencer, mas que o Botafogo, muito bem organizado taticamente, soube como garantir para si, aproveitando-se da vantagem que lhe dava o regulamento, que prometia o título ao time que tivesse maior saldo de gols e maior número de vitórias.

“Podiam ter feito dois jogos ao invés de um. Aí tenho certeza, chegaríamos lá. Mas o Botafogo também mereceu ficar com o título, pois revelou-se como um dos grandes times do futebol de São Paulo, jogando com muita personalidade, e demonstrando que na realidade também tinha virtudes para conquistá-lo.”

O segundo turno do Paulistão não foi tão bom para o São Paulo. Muitas contusões, alguns desencontros em vários setores, mas ainda assim, a equipe chegou a disputar as finais, com Palmeiras e Corinthians, que brigaram pelo título daquela fase.

“Uma prova de que nosso time estava no mesmo nível dos outros. Mas por circunstâncias próprias do futebol, não nos coube o direito de disputar aquele título”.

Quando começou o terceiro turno, Rocha já sentia a contusão de que está se recuperando agora. E isso prejudicou muito o São Paulo, e o levou a ser veementemente criticado por alguns cronistas.

“O problema é que pouca gente sabia que vinha jogando sem minhas melhores condições físicas. E desta forma, não poderia mesmo produzir tudo o que sabia”.

Como Rocha, outros jogadores importantes do esquema montado por Minelli, também se machucaram, e no jogo decisivo contra o Corinthians, o São Paulo perdeu.

A derrota trouxe novas críticas e muitos quiseram inclusive crucificar alguns titulares do São Paulo, entre eles, Pedro Rocha.

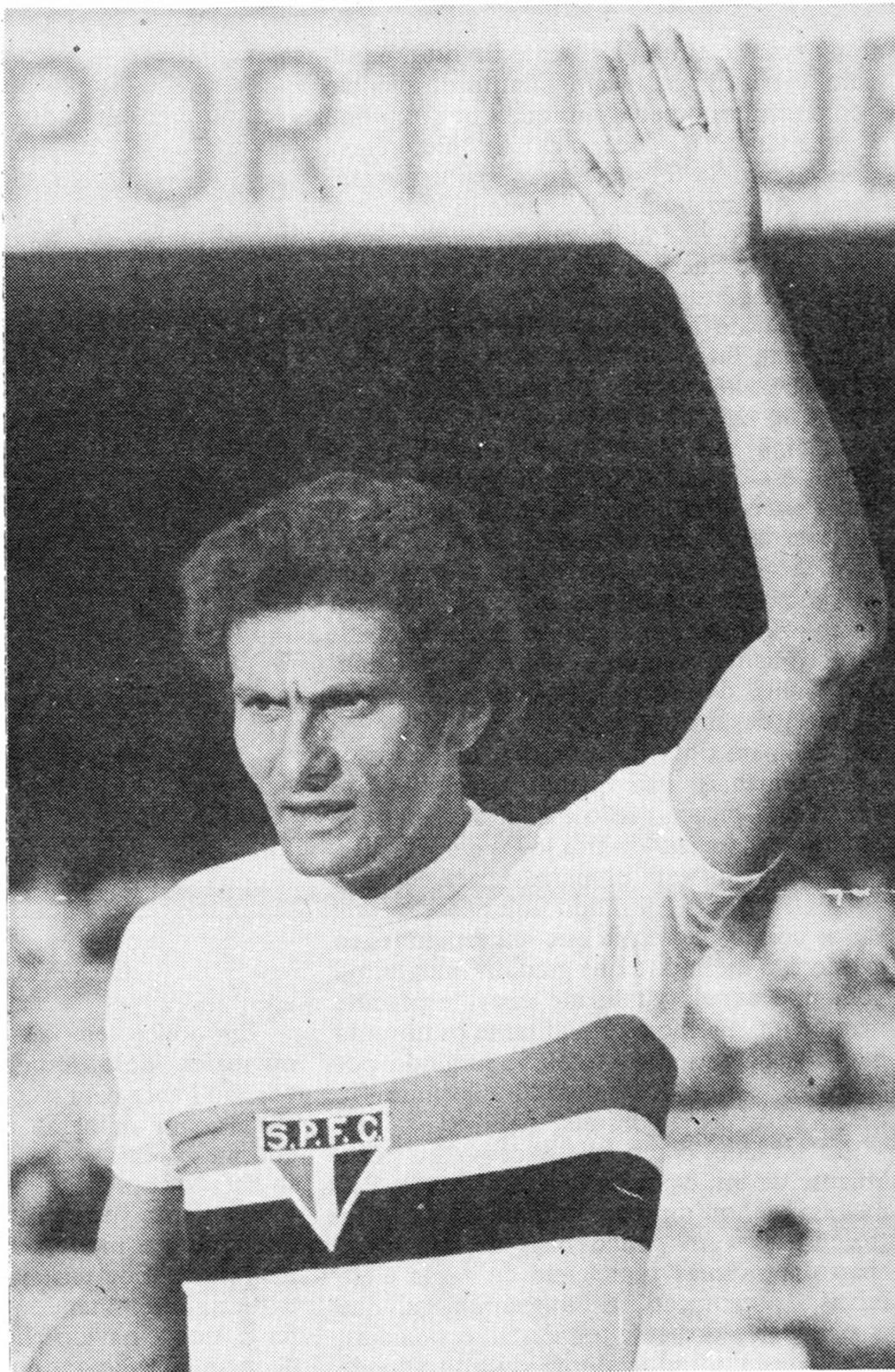
“Foi quando pedi para descansar um pouco e só voltar em plena forma”.

Minelli liberou Rocha, e organizou um outro meio campo para os jogos iniciais do São Paulo na Copa Brasil: Chicão, Neca e Teodoro. E muita gente já passou a comentar, que Rocha não voltaria mais, e que só estavam esperando sua decisão de desistir da bola, para organizarem uma partida de despedida, com muitas homenagens, para que ele tivesse um final de carreira feliz.

Mas este não era o pensamento de Rocha. E o próprio Minelli nunca afirmou que Rocha não lhe interessava mais. Ao contrário. Sempre deixou aberta a possibilidade de voltar a contar com seu velho capitão, nos momentos decisivos da Copa.

E Rocha sabe que este momento está chegando. Por isso, quando desceu as escadas dos vestiários, naquele dia frio e cinzento, ele abriu um sorriso ao encontrar um velho amigo que se aproximava para cumprimentá-lo:

“Estou em forma de novo, amigo. Mais alguns treinos e estarei tinindo. Aí quero voltar aos coletivos e disputar minha vaga. Ainda quero disputar o título brasileiro deste ano, para depois pensar em parar. Sinto-me muito bem e acho que ainda posso ser útil. Tudo vai depender do Minelli. E se concordar, vou comemorar com ele esta conquista. Depois a gente discute o resto.”



*Rocha ainda quer jogar e ganhar a Copa Brasil*

# dá mais vida futebol.



## UM ÍDOLO DE TODOS

ADEMIR DA GUIA:  
O FIM DO GÊNIO

Quando as manchetes dos jornais começam a anunciar o final de carreira de um ídolo da bola, o futebol se veste de luto, e prepara-se para guardar um minuto de silêncio como última homenagem a aquele que o ajudou a manter-se na liderança da preferência popular, como o esporte que maior número de adeptos atrai em todo o mundo.

E quando este ídolo, chama-se Ademir da Guia, nome que deu seqüência à uma verdadeira dinastia da pelota, já que seu pai era o famoso e até hoje insuperável Domingos da Guia, este luto se fecha sobre o próprio esporte brasileiro, onde o futebol é uma das razões de viver de seu povo.

Ademir realmente está parando. Ele sentiu o peso dos anos, apesar de possuir apenas trinta e seis anos, idade em que na Inglaterra, um jogador do mesmo nível, como o legendário Stanley Mathews, jogou até mais de quarenta. Acontece, que num país tropical como o nosso, o atleta se desgasta mais, especialmente quando se sabe, que o calendário anual de nossos campeonatos, é acima de tudo desumano, exigindo que cada jogador dê o máximo de si em no mínimo dois jogos semanais, isso quando os clubes não furam esta programação e a lei das setenta e duas horas, realizando três jogos em sete dias.

Mas Ademir está preparado para deixar a bola. Dentro de seu modo objetivo e real de ver as coisas, ele sentiu que seu estado físico já não é o mesmo, e que gradativamente, vai perdendo aquela vitalidade que lhe permite manter um mesmo ritmo durante os noventa minutos de um jogo futebol, surgindo por todos os cantos do gramado, e levando seu time a vitórias memoráveis.

Na verdade, como Pelé, Ademir fez parte atuante de um ciclo em que seu clube, o Palmeiras, ganhou um cem número de títulos e troféus, que em pouco mais de dez anos, abarrotaram suas prateleiras de taças e de faixas de campeão. E ninguém nega, que grande parte dos méritos destas conquistas, foram deste jogador simples, destituído de vaidade, mas altamente capacitado para sua missão, que se chama Ademir da Guia.

Seu início no Palmeiras não foi tão difícil. Suas qualidades natas de craque autêntico, o credenciavam a tomar a posição de um dos então titulares, entre os quais estava Tupãzinho, Chinesinho e outros. Vindos do Bangu, num lance diretivo inteligente do Palmeiras, ele chegou com a mesma tranquilidade com que se prepara hoje para deixar o clube.

Nos primeiros treinos a alegria dos diretores e da torcida, que já o viam como o craque mais promissor daquele time de juvenis, que mantendo uma tradição do clube, caminhava firme para mais um título da categoria. E logo que surgiu a chance, lá estava Ademir mostrando seu jogo, seu futebol fácil, de domínio perfeito da bola, de passes medidos, e de um sentido coletivo que faria inveja aos próprios integrantes do badalado time da Holanda, vice-campeão do mundo de 74.



*Ademir da Guia é um eterno  
enamorado: aqui  
ele posa ao lado de sua esposa*

## O DONO DA DEZ

Em pouco tempo Ademir transformou-se no maior ídolo desta torcida, que só perde em São Paulo para a do Corinthians, mas que conta com milhares de adeptos, devido a enorme colônia italiana que se fixou em nosso Estado após a Guerra Mundial.

E Ademir justificou. Através de suas jogadas e de seu modo objetivo de jogar, o Palmeiras foi conquistando títulos, somando troféus, mesmo tendo pela frente um concorrente tido e havido como o melhor do time do mundo, graças a outro camisa dez da genialidade: Pelé.

Só que, no passar dos anos, Ademir, mesmo possuindo virtudes que o equiparavam aos maiores craques que o país já teve em todos os tempos era boicotado por técnicos apadrinhados e completamente vessos no que se refere a seus conhecimentos sobre o futebol, e que insistiam em não convocá-lo para a seleção do Brasil.

## UM INJUSTIÇADO

Quando foram convocadas as feras para o Mundial de 70, Ademir foi o grande injustiçado. Seu nome não figurou sequer entre os vinte e dois. Mesmo sabendo-se que o titular seria Gerson, Ademir teria obrigatoriamente que estar na relação dos convocados. Mas tanto João Saldanha como Mário Lobo Zagalo, o esqueceram.

Como nunca foi de gritar contra os injus-

tiças, o bom Divino preferiu curtir na sua intimidade, a decepção de não ter sido chamado para aquela campanha que levou o Brasil ao seu terceiro título mundial. E na sua carreira de glórias, ficou um branco, pois um craque do seu nível tinha obrigatoriamente de estar entre os vinte e dois campeões do mundo. Mas ele se conformou, porque também seu pai, outro gênio da bola apesar de todas as suas qualidades, não conseguiu este título.

Em 74, Zagalo preparava-se para injustiçá-lo novamente, mas o grito da torcida foi mais alto. E desta vez lá estava Ademir, entre os melhores jogadores do país, quase que imposto a um treinador, que preferiu marginalizá-lo, dando-lhe apenas meio tempo no último jogo do Brasil, quando disputamos o terceiro lugar contra a Polônia.

E mesmo naquele jogo, ele foi substituído injustamente, pois vinha produzindo bem, ajudando a equilibrar as coisas diante de uma Polônia nitidamente superior. Foi ele sair e o Brasil perder. De qualquer forma, ele teve o prazer de disputar alguns minutos de uma Copa do Mundo, mesmo não a tendo conquistado. Mas ficou a impressão de que, se desde o início o Zagalo o tivesse prestigiado, talvez o próprio resultado da Copa tivesse sido outro.

## O RUSH FINAL

Depois da Copa, nos anos de 75 e 76, Ademir deu o rush final de sua carreira. E no

## UM ÍDOLO DE TODOS

ano passado, conquistou seu último título paulista, comandando um time de garotos ao lado do goleiro Leão, e tendo no banco um amigo inseparável de grandes conquistas: Dudu.

Aquele campeonato foi na verdade o canto do cisne deste craque da bola. Já na Copa Brasil ele não foi o mesmo e no início deste ano, cheio de problemas físicos, Ademir começou a pensar em parar. Esta decisão, que vinha sendo adiada constantemente, devido a pressão dos amigos e dos próprios diretores do Palmeiras, passou a ser mais definitiva, quando Dudu foi dispensado da direção técnica do clube, e Jorge Vieira assumiu o cargo.

Aborrecido com o fato, e também com a notícia frustrada de que o Cosmos queria contratá-lo (e não era verdade), Ademir praticamente, parou de jogar. E agora, espera apenas o final do seu contrato com o Palmeiras, o que acontecerá em fevereiro de 78, para pendurar definitivamente aquele par de chuteiras surrado, que foi a alegria do povo durante mais de uma década da história futebolística de São Paulo.

### MELHORES MOMENTOS

Ademir analisa sua carreira e reconhece:

teve poucos momentos de tristeza e muitos de alegria. Sua vinda para o Palmeiras, os títulos que conquistou (só de campeonatos paulistas superam meia dúzia), e especialmente aqueles minutos contra a Polônia, no Mundial da Alemanha, podem ser citados como as maiores alegrias de Ademir no futebol:

“De fato. Foram fatos que marcaram minha carreira. A Copa 74, mesmo não tendo significado um título, foi uma passagem marcante na minha vida como jogador, pois poderia contar no futuro, que fui a uma Copa do Mundo”.

Como mágoas, Ademir não aponta muitas, mesmo porque, ele é um jogador introvertido, que não gosta de criticar ninguém, e prefere guardar para si, suas frustrações. Mas todo mundo sabe, que o fato de não ter sido um jogador mais vezes convocado para a seleção do Brasil, e de não ter conseguido numa recente proposta do empresário Juan Figger, se transferir para um clube norte-americano:

“Confesso que esperava realmente a transferência. Seria uma chance de encerrar minha carreira ganhando um bom dinheiro, que me garantiria um futuro sem preocupações. Pena

que não deu certo”.

No Palmeiras ele conseguiu somar muitos amigos e praticamente não teve inimigos. Até mesmo seu pouco entendimento com o goleiro Leão, ele revela:

“Temos opiniões divergentes e nada mais. Cada um vive sua vida e no campo damos tudo pelo clube. Isso é natural na vida e no relacionamento humano”.

Como amigo que marcou sua carreira no Palmeiras, ele cita Dudu:

“Sempre nos entendemos muito bem, dentro e fora do campo. Dudu é gente acima de tudo. É honesto, trabalhador e competente. Creio que tem futuro brilhante pela frente como treinador. Eu, ao contrário, nunca me dedicaria a dirigir jogadores ou um time de futebol. Não tenho jeito para isso. Quando parar, vou para o Rio, e passarei a cuidar de possíveis negócios particulares e de minha família, a quem amo muito”.

Ademir é assim. Todo simplicidade. Um craque autêntico, como poucos foram vistos no futebol brasileiro, e que deixará marcada sua passagem pelo seu clube de coração, o Palmeiras. Mas ninguém nega, mesmo sendo do Palmeiras, ele é um ídolo de todos, sem distinção de cores ou distintivos. Ademir, é da massa.

*Ademir confessou a amigos íntimos, que vai parar com a bola só no futebol brasileiro, mas sonha em disputar ainda, um ou dois campeonatos nos Estados Unidos, como fez Pelé, e como o fará Rivelino depois da Copa. Ele não só não se manifesta publicamente, porque tem medo de ser mal interpretado. Que os empresários se mexam, pois ele merece concretizar esse sonho.*

CARTONAGEM



*Flôr de Maio*

S. A.



IMPRESSÃO EM OFFSET

“Uma embalagem exata para cada produto”

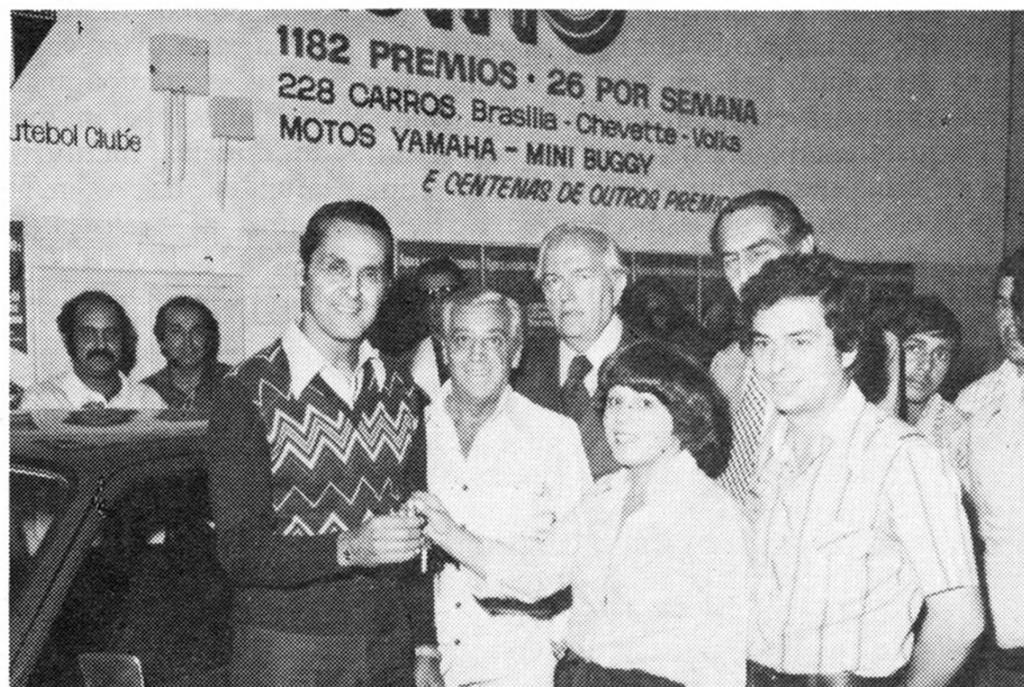


EMBALAGEM IMPRESSA EM MICRO-ONDULADO

Rua Protocolo, 456 - Fone 274-6044 - PBX - SÃO JOÃO CLÍMACO - CEP 04254 - Caixa Postal, 42.636

Endereço Telegráfico “FLORMAIO” - São Paulo

# O PAULISTÃO PRESTA CONTAS...



Elizabeth Campos Silva, rua 6 — nº 41 — Vila Pirituba — capital, ganhou um Chevette no dia 2 de abril entregue pelo bicampeão Gilmar com a presença de Esteban Sangirardi.



Sra. Francisco Antonio de Paulo, rua Carlos Malheiro Dias — 273 — capital, ganhou uma mesa de snooker, no dia 2 de abril.



Pedro Donegati Pereira, rua Aparecida Moreira — 37 — Santo Antonio — Osasco — ganhou um autorama dia 2 de abril.



Dr. Irineu Leite Camargo Barbosa, avenida Pedro de Moraes — 57, apto. 2, capital, ganhou um mini-carro no dia 2 de abril.

# O PAULISTÃO PRESTA CONTAS...



Antonio Lima e Silva,  
 rua Safira — 16-A  
 Mutinga — Osasco  
 ganhou um  
 Chevette no  
 dia 16 de abril.



Viviane Pereira da Silva Filha, rua Neri  
 de Barcelos 418 — capital,  
 ganhou um mini carro no dia 16 de abril.



José Carlos Zanateli, rua 46, 26 A, Parque  
 São Rafael, capital,  
 ganhou um Pebolim no dia 16 de abril.



Rocco Breda,  
 rua José Justino  
 Pereira — 26,  
 capital, ganhou  
 uma piscina infantil,  
 no dia 16 de abril.

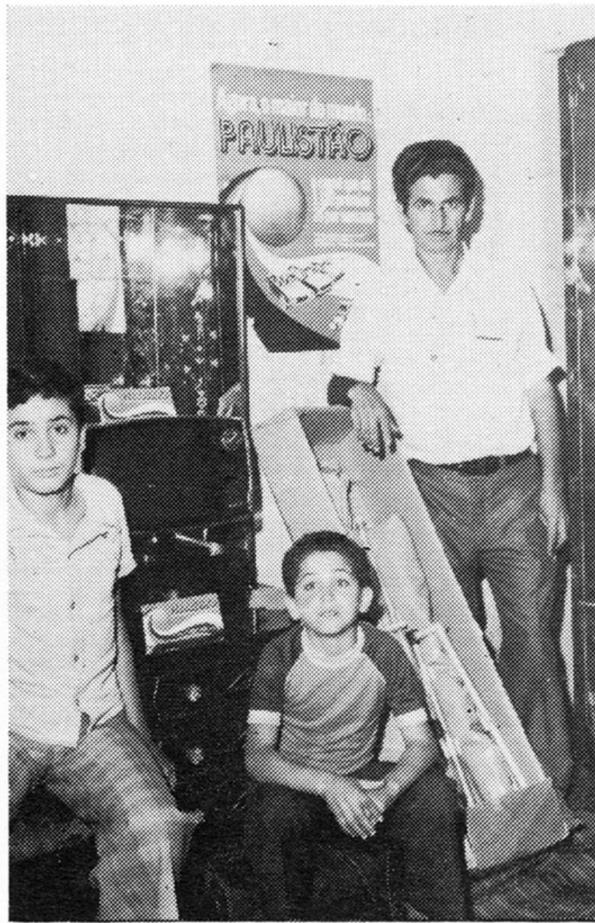
# O PAULISTÃO PRESTA CONTAS...



Ignacio Ferreira de Oliveira Jr, rua Dr. Gabriel de Resende – 393, capital, ganhou um Chevette dia 23 de abril.



Lindair Zezarte Behanke, Patrimonio do Carmo s/n, ganhou um Chevette, no dia 23 de abril.



José Schiavinati, rua Hermes da Fonseca, 22 – Ferraz de Vasconcelos, ganhou seu prêmio no dia 23 de abril.



Arnaldo de Oliveira Reis, av. Dr. Rudge Ramos – 273, apto. 113, São Bernardo do Campo, ganhou um autorama no dia 23 de abril.



André Rodrigues, rua Carneiro Leão – 211 – Vila Escarpele – Santo André – ganhou um pebolim dia 23 de abril.



Sebastião José Santana, rua Anhaia, 1173 – Capital, ganhou uma mesa de snooker no dia 23 de abril.

## O PASSADO

## Bauer, um aristocrata do futebol

Ele foi um aristocrata do futebol. Natural de São Paulo, José Carlos Bauer começou como todo grande craque: na várzea. Com quinze anos ingressou no São Paulo, sem no entanto, ter seus dotes reconhecidos pelos treinadores que iam se revezando na direção do time de cima.

Mesmo assim Bauer não perdeu a motivação. Continuou na luta, fazendo a bola correr como titular dos times inferiores do tricolor, e provocando o interesse da torcida e até de alguns jogadores de cartaz, que naquela época dominavam as manchetes dos jornais esportivos de São Paulo: O mestre argentino, Antonio Sastre, outro monstro sagrado da história tricolor, fazia questão de chegar mais cedo ao estádio para ver aquele garotão moreno, físico perfeito, deslizando pelo gramado do Pacaembu nas preliminares dos jogos do São Paulo.

Cada vez que Sastre assistia um jogo dos juvenis, saía de campo pedindo a Feola que apressasse a promoção do garoto, antes que alguém o descobrisse e o levasse do velho Canindé (naquele tempo o campo do São Paulo), para outras bandas. Feola mostrava compreensão diante do espanto de Sastre e afirmava:

“Com este menino não há perigo. Ele é são-paulino acima de qualquer outra coisa. E já está preparado para aguardar sua vez de subir”.

Finalmente a chance apareceu. Bauer foi chamado num dia de janeiro de 46, depois de suportar pacientemente um longo e fastidioso estágio de quatro anos, para vestir aquela camisa que era seu sonho de garoto apaixonado pelo futebol e pelo clube que o acolheu. E durante toda a temporada que se seguiu, provou que Sastre tinha razão: Bauer era um craque consumado cujo destino era dar muitas glórias ao seu time de coração.

Com vinte e um anos ele participou da conquista do bicampeonato do São Paulo, realizando atuações invejáveis, especialmente na decisão contra o Corinthians. A seu lado, nomes que ficaram na história do São Paulo: Gijo no gol, Piolim e Renganeschi na zaga, Rui e Noronha no apoio, e Luisinho, Sastre, Leonidas, Remo e Teixeira na linha ofensiva mais famosa daqueles tempos.

Terminada a partida, um grupo de reporteres cercou Antonio Sastre,

ídolo do time, e apontado pela imprensa e pela própria torcida presente ao estádio, como o herói do jogo. Sastre não se comoveu com a homenagem que lhe quiseram prestar. Simples, sincero e realista, tomou a palavra e declarou:

“Não é a mim que vocês devem procurar. Vocês devem procurar aquele garoto que ali está, quase sozinho. Na realidade o dono do espetáculo, como maior pivô do futebol sul-americano atualmente, é ele. Que me perdoem a franqueza, pois é isso que sinto realmente”.

De degrau em degrau, José Carlos Bauer foi se aproximando da seleção brasileira. Mas para sua decepção, quando a alcançou, não conseguiu o mesmo êxito dos seus sucessores de 58,62 e 70. Ele não conseguiu o título tão almejado de campeão do mundo, embora tivesse futebol para tanto. E com certa mágoa ele recordou as Copas de 50 e 54 das quais participou:

“Em 50, só não ficamos com a vitória por muito azar e porque perdemos também o nosso melhor extrema-direita. Se não tivéssemos perdido Tesourinha, o Brasil teria sido campeão mundial oito anos antes da vitória em Estocolmo. Então, quem sabe, seríamos considerados até melhores que os craques de 58, 62 e 70. Mas o futebol é assim. É um jogo caprichoso. Faltou-nos acima de tudo um pouquinho mais de sorte. Aquele coringa que resolve tantos problemas num jogo de baralho. E o resultado foi aquilo que se viu. Uma derrota tão estranha e inesperada que é difícil de se analisar e de se descrever. Um mistério que ficou no passado e que, por mais que se estude, jamais se conseguirá explicá-lo”.

Bauer é hoje um homem tranquilo que acompanha o futebol de perto e vez por outra, decide-se a difícil profissão de técnico. Bem mais gordo, mas com a mesma simplicidade dos seus tempos de jogador, é uma simpatia permanente, como prova seu enorme círculo de amizades no meio em que vive. Um homem que acima de tudo soube envelhecer, curtindo o presente como o fez no passado, quando um dia ganhou merecida manchete de um jornal especializado: Bauer, o gigante do Maracanã. Com toda a justiça.



*Bauer: de ídolo no passado, a bom técnico no presente*

# F B A

## FABRICA BRASILEIRA DE ADESIVOS

### FITAS ADESIVAS

Trasparentes Crepe Embalagem

### ADESIVOS INDUSTRIAIS

Carpetes Fórmica Madeiras

### COLA DE CONTATO

F.B.A. Fábrica Brasileira de Adesivos Ltda.  
Via Regis Bittencourt, km 24  
Fone: 4922126 — São Paulo

# HOMENAGEM PÓSTUMA

Mairiporã, 18 de março de 1977 o automobilismo perde um grande campeão



*Contraste: da glória no GP Brasil de F-1, ao triste fim na explosão do avião que o conduzia.*

## NÓS VIMOS O FIM DE PACE

Sexta feira, 18 de março de 77. Para muitos um dia comum, e o início de um final de semana cheio de passeios e alegrias. Jogos de futebol, pescarias com a família, reuniões de amigos no litoral. . . Para nós no entanto, homens do automobilismo, foi um fim de semana especial. Triste, muito triste, terrivelmente triste: acabava de morrer José Carlos Pace.

A notícia veio em fórmula de telegrama. Em alguns poucos jornais daquele dia, uma notícia de cinco linhas, como muitas que surgem de última hora, e que, na pressa de fechamento, foi acrescentada na primeira página: "ontem, nas proximidades de Mairiporã, caiu um pequeno avião tipo Piper, com três ocupantes. Não foi possível identificar seus nomes. Mais detalhes em nossa edição de amanhã."

Se os editores soubessem, talvez tivessem esperado mais um pouco. Eles mal sabiam que ali estava possivelmente sua grande manchete. Uma manchete que anunciaria o fim trágico de mais um grande esportista brasileiro, que caminhava celebrenemente para a sua primeira conquista mundial: a de campeão de Fórmula Um de 77.

O esclarecimento da notícia no entanto, ficou para o dia seguinte. Em quem primeiro noticiou foram as emissoras de rádio, depois

as de TV.

"Atenção. Faleceu ontem à tarde, num desastre aéreo nas proximidades do município de Mairiporã, o piloto brasileiro de Fórmula Um, José Carlos Pace. Com ele, seu amigo Marivaldo Fernandes, ex-campeão brasileiro de automobilismo, e próspero empresário paulista. Também um piloto profissional Carlos Roberto de Oliveira, que os acompanhava, para orientá-los em sua viagem até Araraquara, onde Pace e Marivaldo deveriam se encontrar com seus familiares, na fazenda de Marivaldo."

A notícia inicialmente parecia enganosa. Para muitos havia alguma confusão, pois Pace deveria estar na Inglaterra, disputando o GP dos Campeões em Brands Hatch, como aliás, havia anunciado dias antes a alguns repórteres, que o procuraram para saber de seus planos futuros:

"Devo ir à Inglaterra. Este GP não pertence ao calendário do Mundial, mas será uma oportunidade para acertar minha máquina para os próximos GPs do campeonato de fórmula Um. A Brabham está produzindo muito bem, e com mais alguns acertos, acredito que poderei somar os pontos necessários para assumir a liderança do Mundial".

Mas a confirmação veio em seguida.

**Pace Morreu!** Um homem. Um homem

protótipo deste século vinte. Um homem que viveu seus dias sobre o fio de uma navalha. Por que? Nem o próprio Pace sabia dizer ao certo. Como tampouco poderia explicar, porque resolvera embarcar naquele Piper, rumo a Araraquara, quando seus planos não eram bem estes: ele apenas havia ido até o aeroporto de Marte acompanhar seu amigo Marivaldo, devendo voltar em seguida para sua residência. Ninguém sabe porque, ele mudou de idéia, subiu no avião, mesmo sem ter levado qualquer bagagem (a maioria dos seus documentos não estavam com ele), e viajou para o infinito. . .

Morreu José Carlos Pace. E morreu como talvez jamais esperasse: longe do carro e da pista, que eram sua própria razão de viver. Caiu perto de Mairiporã, pequena cidade próxima a São Paulo, num avião que começara a aprender dominar (vinha recebendo aulas e tiraria logo o seu brevê de piloto), e que se chocou violentamente contra um morro, quando num vôo razante desesperado, Marivaldo Fernandes que dirigia o aparelho, tentava achar uma clareira para descer, depois de perceber que uma tempestade que se aproximava rapidamente, poderia ser fatal para a pequena capacidade de vôo do seu frágil avião. Os jornais contaram:

"Marivaldo era bom piloto, mas ao em-

# HOMENAGEM PÓSTUMA



*Um dos sonhos de José Carlos Pace, era conquistar o título mundial de automobilismo na Fórmula Um. E neste ano, mais do que nunca, ele tinha tudo para atingir seu objetivo, pois a Brabham que dirigia, havia evoluído a tal ponto, que fatalmente o consagraria nesta temporada. Quis o destino no entanto, que isto não acontecesse. Na foto, ele aparece ao lado de seu carro, durante uma fase de treinos, no GP Brasil de 77.*

barcar com Pace no aeroporto de Marte, resolveu levar consigo um profissional amigo de ambos que os orientaria durante a viagem até proximidades de Araraquara. A intenção deles, era chegar na fazenda de Marivaldo já à noite, para fazer uma agradável surpresa a seus familiares. E deveriam voltar no dia seguinte, pois tinham assuntos importantes a tratar em São Paulo”.

“O roteiro escolhido não diferia muito dos normais, para quem queria se dirigir para àquele município, que fica na região central do Estado de São Paulo. Acontece, que houve uma alteração de vôo, talvez motivada pela proximidade de uma tempestade, que vinha em direção a capital. E nesta tentativa de desvio, as coisas devem ter-se complicado, ao ponto de Marivaldo tentar o retorno. E quando estava próximo ao município de Mairiporã, que fica há alguns quilômetros dos limites de São Paulo, a situação de tempo piorou, e eles procuraram através de sinais de luz do avião, e fazendo vôos razantes, um local para descer.”

“Como a visibilidade era zero, pois já estava escurecendo, ninguém teve chance de ajudá-los. E talvez, percebendo o final da gasolina, Marivaldo tentou o pouso forçado. Um pouso cego, que acabou levando-os à morte.

“O avião bateu na copa de algumas árvores, perdeu a direção, e foi bater num morro. Houve a explosão, e em seguida o silêncio da morte. Os habitantes da região ouviram tudo, mas pouco puderam fazer. E no dia seguinte bem cedo, quando o sol timidamente apareceu, os primeiros caboclos locais, foram saber do motivo da explosão. E localizaram os destroços do avião. O delegado foi avisado, um rádio foi passado para a capital, e dois amigos de Pace, que estavam aflitos a espera de suas notícias, foram até lá reconhecer os corpos”.

“E não tiveram dúvidas: apesar dos corpos estarem totalmente mutilados, reconheceram os três, inclusive o de Pace. E a notícia que parecia, e que todo mundo torcia para não

ser verdadeira, se confirmou. Pace realmente estava morto”.

Na Inglaterra, onde iria começar a famosa corrida dos Campeões, a notícia chegou também com enorme rapidez. De início ninguém acreditou. Depois, desolação, tristeza. Mesmo assim a corrida começou, talvez como última homenagem a José Carlos Pace.

E no Brasil o enterro, com Emerson, Wilzinho, e os velhos amigos de Pace, além de políticos e autoridades de todos os escalões. Era o adeus a um pai de família dedicado, a um ainda jovem automobilista, que lutava para alcançar seu grande objetivo, do qual estava muito perto este ano: o título mundial da Fórmula Um.

Um final lamentável para um dos maiores pilotos que o Brasil já produziu em todos os tempos, e que, mesmo não tendo chegado a conquistar o título dos seus sonhos, marcou com letras douradas sua passagem pelo automobilismo mundial, passando para a galeria dos imortais do esporte da velocidade. A ele nosso preito de saudade.



**DIGITALIZAÇÃO**  
GIANCARLO ZAPPELLONI

**TRATAMENTO DE IMAGENS**  
**PRODUÇÃO**  
MICHAEL SERRA



**ONDE A MOEDA CAI DE PÉ**